

ROY DISNEY

O Inesquecível Walt Disney

WALT DISNEY partiu há mais de dois anos, mas sua influência paira como uma presença viva sobre o estúdio da Califórnia, onde êle realizou os desenhos animados, filmes naturais e de longa metragem que o tornaram conhecido e querido no mundo inteiro.

Há pouco tempo um grupo de animadores e escritores estava reunido em conferência no nosso estúdio da Califórnia para discutir uma história para um nôvo desenho ani-

mado de Disney. Estavam achando muita dificuldade para chegar a um acôrdo sobre o roteiro, e a atmosfera ali estava tão tempestuosa como lá fora. De repente, um raio rabiscou uma linha quebrada no céu e seguiu-se uma descarga de trovão. "Não se preocupe, Walt", disse um dos animadores, olhando para o céu. "Chegaremos a uma conclusão."

Ainda agora, quando ando pelo estúdio, como que espero encontrar meu irmão mais môço, aquela figura

© W. D. P.





desengonçada de rapaz do interior, de cabeça baixa, pensando num novo projeto. Walt era de tal modo a força motriz por trás de tudo o que fazíamos, da produção de filmes à construção da Disneylândia, que constantemente as pessoas mencionam o seu nome como se ele ainda vivesse. Todas as vezes que exibimos um filme novo ou inauguramos uma produção nova na Disneylândia, alguém diz: "Que pensaria Walt sobre isto?" E, quando isso acontece, eu

geralmente me dou conta de que foi algo planejado por ele mesmo. Pois o meu imaginoso e diligente irmão deixou iniciados projetos suficientes para manter-nos a todos ocupados por mais 20 anos.

Walt era um homem complexo. Para os escritores, produtores e animadores que trabalhavam com ele, era um gênio que possuía uma habilidade fantástica para dar um toque de imaginação a qualquer história ou idéia. Para milhões através do

mundo que ainda vêem espetáculos de TV que êle criou, êle era uma personalidade amável e gentil que levava diversão e prazer aos seus lares. Para os banqueiros que nos financiavam, tenho certeza de que êle parecia um alucinado, decididamente a caminho da falência. Para mim, era o meu extraordinário irmão mais môço, cheio de sonhos inviáveis que êle tornava reais.

Sôbre um Camundongo. Há pouco tempo fiz nova visita à casa de campo onde eu e Walt passamos a nossa infância. O pomar de maci-

eiras e os chorões estão verdes e bonitos na nossa velha fazenda, onde Walt desenhou os seus primeiros animais. Lembro-me como Walt e eu nos aconchegávamos um ao outro na cama e ouvíamos o fascinante apito da locomotiva que passava na noite. Nosso tio Mike era maquinista e tocava o apito—um longo e dois breves—para nós. Walt nunca perdeu seu amor aos trens. Anos mais tarde, um trem antiquado foi uma das primeiras atrações na Disneylândia.

Até onde posso recordar, Walt vivia desenhando. O primeiro dinheiro

Disney e o Brasil

WALT DISNEY é inesquecível para muitos brasileiros que o conheceram pessoalmente e que com êle trabalharam. Êle estêve no Brasil pela primeira vez em agosto de 1941, para a estréia do seu filme *Fantasia*, numa festa patrocinada por D. Darcy Vargas, em benefício da Casa das Meninas. A visita estendeu-se por quase um mês, e Disney encantou-se com a paisagem e a música brasileiras. À sua volta formou-se logo um grupo que incluía os principais músicos e letristas da época: Ari Barroso, Lamartine Babo, Almirante, Villa-Lobos, João de Barro e Aloísio de Oliveira, entre outros, tornaram-se seus amigos.

Dessa visita resultaram dois filmes—*Alô Amigos* e *Você Já Foi à Bahia?*—e uma enorme divulgação para o Brasil no exterior. Ari Barroso foi lançado internacionalmente, quando Disney usou composições suas como *Na Baixa do Sapateiro*, *Aquarela do Brasil* e *Você Já Foi à Bahia?* Em *Alô Amigos*, Disney criou um nôvo personagem—o *Zé Carioca*, um papagaio inspirado num desenho do inesquecível caricaturista brasileiro J. Carlos, que Disney tentou levar para Hollywood para trabalhar em seus estúdios. O *Zé Carioca* de J. Carlos até hoje pode ser visto na Disneylândia.

Fazendo êsses filmes e divulgando assuntos brasileiros, entre outras coisas, Disney queria que os norte-americanos deixassem de pensar no Brasil como um país “onde cubanos tocam músicas mexicanas, vestindo trajes brasileiros, numa paisagem argentina e contando piadas americanas”. Porque, como êle disse numa transmissão da antiga “Hora do Brasil”, em boa gíria carioca da época, “o Brasil é da pontinha”.



Na foto acima, aparecem, da esquerda para a direita, Dorival Caymmi, Aloísio de Oliveira, Walt Disney, Norma Benguel, Vinicius de Moraes e Tom Jobim, por ocasião de uma visita aos estúdios de Disney, em Burbank, Califórnia, em agosto de 1965

que êle ganhou foram alguns centavos pelo desenho do cavalo de um vizinho. Na adolescência estudou caricatura e depois fundou uma pequena companhia de desenhos animados que fracassou. Eu estava em Los Angeles quando Walt, com 21 anos apenas, decidiu tentar a sorte em Hollywood. Fui esperá-lo na estação de estrada de ferro. Êle trazia uma valise ordinária que continha todos os seus bens.

Pedimos 500 dólares emprestados a um tio, e tentamos começar a fazer desenhos animados para vender aos cinemas. Era um trabalho lento. Walt fazia tôda a animação e eu girava a manivela da câmara antiquada. Uma série chamada *Oswaldo, o Coelho*, parecia estar fazendo sucesso, mas, quando Walt se dirigiu a nosso distribuidor em Nova York para pedir mais dinheiro, encontrou dificuldades.

—Que espécie de acôrdo financeiro você fêz, rapaz?—perguntei eu.

—Não temos acôrdo—admitiu Walt.—O distribuidor registrou Oswaldo no seu nome e está produzindo a série êle mesmo.—Estranhamente, Walt não parecia desanimado.—Vamos iniciar uma nova série—disse com entusiasmo.—Ê sôbre um camundongo. E desta vez *nós* seremos donos do camundongo.

O resto pertence à História. O camundongo de Walt, Mickey, comemorou seu 40.º aniversário no ano passado, e foi um feliz aniversário. Duzentos e cinqüenta milhões de pessoas viram um filme de Disney em 1968, 100 milhões assistiram a um programa de televisão de Disney, quase um bilhão leu um livro ou revista de Disney e quase 10 milhões visitaram a Disneylândia. E, como Walt costumava dizer, foi Mickey que começou tudo.

O Pesadelo dos Banqueiros. Mickey foi apenas o primeiro produto de sucesso da imaginação e habilidade incomparáveis de Walt em fazer seus sonhos se tornarem realidade. Era uma habilidade que êle podia utilizar em qualquer ocasião, grande ou pequena. Certa vez, quando meu filho teve sarampo, Walt chegou e contou-lhe a história de *Pinocchio*, que êle estava realizando no momento. Quando Walt contava uma história, fazia-o como um virtuose. Seus olhos prendiam o ouvinte, o bigode contorcia-se expressivamente, as sobrancelhas erguiam-se e baixavam e as mãos moviam-se com a graça das de um maestro. O menino ficou de tal modo absorto na vívida narrativa do conto de Walt que esqueceu inteiramente o sarampo. Mais tarde, quando viu a fita pronta, ficou estranhamente desapontado. “Não me pareceu tão interessante como quando Tio Walt a contou”, disse.

Como muitas pessoas que fazem humor, Walt levava-o muito a sério. Frequentemente assistia carrancudo ao mais divertido dos desenhos, concentrado em alguma maneira de melhorá-lo.

Banqueiros, guarda-livros e advogados tentavam frequentemente pôr um freio em sua imaginação livre e revôlta e foram o pesadelo da existência de Walt. Como gerente de seus negócios, eu não era exceção. “Quando vejo você satisfeito, é que fico nervoso”, costumava êle dizer. Como Walt não poupava despesas para fazer seus filmes melhores, nós

costumávamos ter nossas lutas. Mas êle estava sempre pronto a apertar a mão e fazer as pazes.

O “Bom Material”. Walt crescia na adversidade, o que foi uma sorte, pois tivemos isso em grande quantidade. Mesmo com o sucesso de Mickey estávamos constantemente em débito com os bancos. Quando teve o seu primeiro grande êxito financeiro com *Branca de Neve*, mal pôde acreditar.

Na verdade, a boa sorte era boa demais para durar. O filme *Branca de Neve* produziu vários milhões de dólares quando foi lançado. Mas Walt logo gastou isso e mais ainda iniciando uma série de produções de desenhos de longa metragem e construindo nosso atual estúdio.

Para manter o estúdio funcionando vendemos ações ao público—e logo elas baixaram de 25 para 3 dólares. As dificuldades aumentavam. O estúdio foi atingido por uma greve. Depois a Segunda Guerra Mundial cortou o nosso mercado europeu. Mais de uma vez eu teria desistido, se não fôsse a fé rebelde de Walt em que acabaríamos vencendo.

Walt envolvia-se em *tudo*. Trabalhava mais do que qualquer outra pessoa no estúdio. Durante uma conferência, o narrador, de ponteiro na mão, descrevia uma seqüência de televisão intitulada “Como Andar de Bicicleta”. “Bem, quando você monta na sua bicicleta . . .”, começou. “Troque *sua* bicicleta por *uma* bicicleta”, disse Walt. “Lembre-se de que nem todo garôto tem a

sorte de ter uma bicicleta própria.”

Muito pouco escapava aos seus olhos críticos. Os animadores freqüentemente encontravam seus desenhos amarrotados retirados da cesta de papéis com uma nota de Walt: “Não joguemos fora material bom.” E êsse, creio eu, era seu maior gênio: êle sabia instintivamente o que era “bom material”. Depois de outros haverem trabalhado na trama de uma história durante meses, Walt aparecia de repente, misturava um pouco as coisas, juntava uma ou duas piadas . . . e de repente a coisa tôda ganhava vida.

Walt exigia muito das pessoas, mas êle dava muito também. Quando veio a crise e parecia que íamos ter de fechar o estúdio, Walt deu um aumento a todo o mundo. Alguns acharam uma loucura, mas foi excelente para o moral. Êle detestava despedir quem quer que fôsse, e, se alguém não se adaptava num trabalho, Walt tentava arranjar-lhe outro mais adequado.

O Maior Brinquedo do Mundo. A história da Disneylândia, talvez melhor do que tudo, ilustra a visão de Walt e sua obstinada determinação de realizar uma idéia em que acreditava. Durante anos Walt havia acalentado em segredo o sonho de uma nova espécie de parque de diversões. Seria um pot-pourri de tôdas as idéias surgidas em sua imaginação fértil. Mas a idéia de enterrar milhões de dólares num parque de diversões, mesmo nessa espécie de parque de diversões, parecia tão dis-

paratada que êle não a mencionou a ninguém. Êle simplesmente começou a fazer seus planos em segredo.

Como sempre, porém, êle incutiu em todos nós seu próprio entusiasmo quando finalmente nos contou o projeto. Como era de prever, tivemos dificuldade para arranjar o dinheiro, mas a Disneylândia foi inaugurada em julho de 1955. Desde aquêles primeiros dias milhões de pessoas, inclusive oito reis e oito presidentes, acorreram a ver a criação extraordinária da sua imaginação. Como um menino com um nôvo brinquedo—o maior e mais rutilante brinquedo do mundo—Walt costumava perambular pelo parque, admirando tudo, tão feliz como qualquer turista.

O sucesso formidável da “idéia louca” desencadeou uma reviravolta dramática na sorte de Disney. O sucesso, entretanto, nunca o modificou. Êle continuou sendo o mais simples dos homens. Detestava festas, e sua idéia de uma noite fora de casa era comer um *hamburger* e feijão com molho picante em algum restaurante pequeno. Sua única extravagância era uma estrada de ferro em miniatura que corria no terreno de sua casa.

—Que é que você faz com todo o seu dinheiro?—perguntou-lhe um amigo certa vez.

Apontando para o estúdio, Walt respondeu:

—Fertilizo aquêle campo.

E é verdade que Walt empregava o dinheiro na companhia quase tão depressa como o ganhava. Quando

a Disneylândia foi inaugurada, tinha 22 atrações e custara 17 milhões de dólares. Hoje tem 52 atrações e o investimento total é de 100 milhões de dólares!

Algo Precioso. Tragicamente, no auge da nossa prosperidade, Walt foi atingido por sua doença fatal. Eu o ouvi referir-se a êsse golpe cruel apenas uma vez. "Seja o que fôr que eu tenha", disse-me êle, "não o tenha."

Visitei-o no hospital na noite anterior à sua morte. Embora sèriamente doente, êle estava cheio de pla-

nos para o futuro como tinha estado em tôda a sua vida.

Walt costumava dizer que a Disneylândia nunca estaria terminada, e nunca estará. Gosto de imaginar também que a influência de Walt Disney nunca se acabará; que através de suas criações as gerações futuras continuarão a exaltar o que uma vez êle definiu como "aquêlo algo precioso e intemporal que existe em todo ser humano e que nos faz brincar com brinquedos infantis, rir de coisas tôlas, cantar na banheira e sonhar".



Notícias de Tôda Parte

O ÚNICO cinema de Sacrofano, na Itália, funciona na sede da paróquia, onde o padre local seleciona previamente os filmes. Durante as sessões, êle fica sentado perto do projetor e recomenda a aceleração do filme sempre que percebe a aproximação de uma cena sensual.

—Leonard Louis Levinson, em *Variety*

UMA VEZ por mês, a Sr.^a Peter Eton, dona de casa inglêsa, paga três libras e dez xelins por uma passagem de avião de ida e volta de Kent a Le Touquet, na França. "Adoro pão e legumes frescos", explica ela. "É a melhor maneira de consegui-los é ir à França. Divirto-me a valer sem preocupar-me com horas de *rush*, com trens maçantes e com a conversa dos caixeiros inglêses." —AP

OS JAPONÊSES, povo prático, desistiram de um levantamento que haviam

planejado sôbre o alto custo de vida. Ficaria muito caro. —*World-Herald* de Omaha

NA ESPANHA, a situação está ficando tal que uma *señorita* não pode mais receber uma serenata de bandolim à moda antiga. Hoje em dia os jovens apaixonados ficam sob os balcões tocando *rock'n'roll* em rádios transistorizados ou vitrolas portáteis. Em resultado das queixas, várias cidades proibiram o uso de aparelhos eletrônicos nas ruas entre 22 e 7 horas.

—Lois Benjamin, em *Ladies' Home Journal*

OS EXILADOS cubanos que recebem cartas de casa têm observado um nôvo sêlo postal de Cuba com a efígie de Abraão Lincoln. O sêlo traz a seguinte citação de Lincoln em espanhol: "É possível enganar tôdas as pessoas durante algum tempo, algumas pessoas durante todo o tempo, mas não tôdas as pessoas todo o tempo." —AP